

UNIVERSIDADE POSITIVO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Anais do

**VII ENCONTRO PARANAENSE DE
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO
&
I ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

1a Ed.

Curitiba, Paraná
Universidade Positivo e Universidade Federal do Paraná
2013

Anais do

VII ENCONTRO PARANAENSE DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO & I ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

6 a 8 de Junho de 2013

eacsul.wordpress.com

Realização:



Apoio:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Positivo, Curitiba, PR, Brasil)

E56 Encontro Paranaense de Análise do Comportamento;
Encontro Sul-Brasileiro de Análise do Comportamento
(7.; 1. : 2013 : Curitiba, PR).

Anais [recurso eletrônico] / VII Encontro Paranaense de
Análise do Comportamento; I Encontro Sul-Brasileiro de
Análise do Comportamento, 6 a 8 de junho de 2013.

Modo de acesso: <<http://eacsul.wordpress.com>>
ISBN 978-85-99229-18-7

1. Psicologia. 2. Comportamento humano. 3. Behaviorismo
(Psicologia) . I. Título.

CDU 159.9.019.4

Agência de Fomento

<p style="text-align: center;">FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA <i>Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná</i></p> <p>A Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná é uma entidade de direito privado que ampara a pesquisa científica e tecnológica e a formação de recursos humanos no Estado do Paraná. Os recursos financeiros utilizados pela Fundação têm origem no Fundo Paraná, que destina 2% da receita tributária do Estado ao desenvolvimento científico e tecnológico.</p>	<p style="text-align: center;"> GOVERNO DO PARANÁ www.pr.gov.br</p> <p style="text-align: center;"> Seti <small>Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior</small> www.seti.gov.br</p>
<p style="text-align: center;">Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná Av. Comendador Franco, 1341 - Cietep - Jd. Botânico - 80.215-090 - Curitiba - PR Tel.: 41 3271.7803 - Fax: 3271.7421 - www.FundacaoAraucaria.org.br</p>	

Coordenação

Alexandre Dittrich
Bruno Angelo Strapasson
Helder Lima Gusso

Comissão Organizadora

Aline Rosa do Nascimento	Josiane Maria Donadeli
Alisson Ferreira Lepiensi	Juliana Maria Bubna Popovitz
Ana Luísa Masetti Sabbagh	Karina Pinheiro da Silva
Bruno Tonet	Luana Piana
Camila Zampier	Morgana Marangoni
Cindy Vaccari	Patricia Cristina de Alcantara Diniz
Fernanda Suemi Oda	Renan Murillo Costa
Gabriel Gomes de Luca	Renan Vermeulen Noceti
Gabriela Andersen Irias Martim	Roberto Junior Marques Delfino
Guilherme Alcantara	Rodrigo Henrique Puppi

Comissão Científica

Renan Vermeulen Noceti (Org.)	– CNPq (Bolsista DTI)
Carlos Eduardo Costa	– UEL
Carolina Laurenti	– UEM
Denis Zamignani	– Núcleo Paradigma
Felipe Corchs	– Núcleo Paradigma / FM USP
Jocelaine Martins da Silveira	– UFPR
Joana Singer Vermes	– Núcleo Paradigma
Juliane Viecili	– UNISUL
Lucas Cordeiro Freitas	– UFSCar
Marcia Cristina Caserta Gon	– UEL
Olga Mitsue Kubo	– UFSC
Raquel Aló	– USP
Vívian Marchezini-Cunha	– Tríplice / Faculdade Pitágoras
Ana Paula Viezzer Salvador	– UFPR
Tatiany Honório Porto	– USP
Gabriel Gomes de Luca	– UFPR/UFSC
Bruno Angelo Strapasson	– Universidade Positivo
Saulo Missiaggia Velasco	– USP

Realização

Universidade Positivo
Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde
Curso de Psicologia

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Núcleo de Psicologia, Educação e Trabalho

Apresentação

Quatro anos depois, Curitiba recebe novamente o Encontro Paranaense de Análise do Comportamento! A última edição do evento na cidade ocorreu em 2009. Nos três anos até o retorno à Curitiba, o evento cumpriu com louvor aquela que sempre foi uma de suas principais metas: tornar-se itinerante, circular entre as cidades do Paraná e tornar-se, efetivamente, um evento de integração entre estudantes e profissionais da Análise do Comportamento no Estado. Para tanto, o apoio dedicado de colegas analistas do comportamento das cidades de Londrina (que sediou o quarto e o sexto Encontros) e Maringá (que sediou o quinto Encontro) foi essencial. A eles, estendemos nosso agradecimento pelo relação de confiança e parceria para a promoção e fortalecimento da Análise do Comportamento.

O evento agora amplia seus horizontes e perspectivas de integração: junto ao VII Encontro Paranaense, realizamos o I Encontro Sul-Brasileiro de Análise do Comportamento. Entendemos isso como um início, uma proposta: uma integração mais orgânica e continuada entre os analistas do comportamento da Região Sul do Brasil ainda é um desafio - mas um que julgamos que vale a pena aceitar, dados os vários resultados potencialmente relevantes. Como dizíamos na apresentação dos anais do Encontro de 2009, "ampliar, disseminar, consolidar, fortalecer a Análise do Comportamento é tarefa de alta relevância social. Quanto mais pessoas puderem atuar diretamente nessa jornada, maior será o alcance dessa contribuição para nosso país".

Nesses anais, apresentamos parte importante dos resultados do evento: a divulgação da boa produção científica em pesquisa analítico-comportamental de nossa região. Agradecemos aos autores dos trabalhos e também aos avaliadores que dispuseram de seu precioso tempo a fim de garantir a qualificação do material que aqui apresentamos.

Aproveitamos também para agradecer à dedicação e gentileza dos palestrantes convidados, estrelas principais do evento - que iluminam não a si mesmos, mas o caminho a ser trilhado por analistas do comportamento em formação. Sem vocês, o Encontro não faria sentido. Agradecemos também à Universidade Federal do Paraná e à Universidade Positivo, realizadoras do evento, e aos vários apoiadores, cuja participação facilitou enormemente a realização bem sucedida do Encontro, e colaborou sobremaneira para sua qualidade. Por fim, um agradecimento muito especial à equipe organizadora do evento, que realizou um trabalho ao qual nenhum elogio faria plena justiça. Poucas coisas são tão emocionantes quanto o trabalho de uma equipe dedicada e integrada. O trabalho de nossa equipe foi eficiente e emocionante.

Há muito mais por vir, muito mais por crescer, muito mais por realizar... Convidamos você a nos acompanhar na jornada!

Um abraço cordial,

Os Organizadores

SUMÁRIO

Apresentação	2
RESUMOS EXPANDIDOS DAS PESQUISAS APRESENTADAS EM PAINÉIS.....	7
TORNAR-SE TERAPEUTA: O DESAFIO DA ANÁLISE DE QUEIXA INICIAL COMPLEXA AO LONGO DO PROCESSO TERAPÊUTICO	
Luiza Damasceno Archer, Cláudia Lúcia Menegatti.....	8
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EM ORGANIZAÇÕES: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM SERVIÇO ESCOLA DE PSICOLOGIA	
Annelise Sales de Mello, Josiane Maria Donadeli, Helder Lima Gusso	10
CLASSES DE COMPORTAMENTOS PROFISSIONAIS DE PAIS SOCIAIS EM CASAS LARES	
Aline Rosa do Nascimento, Helder Lima Gusso.....	12
LEVANTAMENTO DE INTERVENÇÕES REALIZADAS PARA REDUÇÃO DA HOMOFOBIA	
Christiane Henriques Ferreira, Cassiana Sterza Versoza, Silvia Aparecida Fornazari	16
A BUSCA PELO CORPO PERFEITO	
Diego da Silva, Cristiane de Souza Andrade, Diomara Arruda, Andréia Gomes Riba, Marina Pires Alves Machado.....	18
ALGUNS MECANISMOS DE DEFESA FREUDIANOS SOB O OLHAR DO BEHAVIORISMO RADICAL DE SKINNER	
Renan Miguel Albanezi, Leonardo Pestillo de Oliveira, Yara Cristina Romano Silva.....	20
PROGRAMA CUIDAR - TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO EM COMPORTAMENTO MORAL E HABILIDADES SOCIAIS PARA JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO DA COMUNIDADE DE ITANHAÉM - SP	
Analu Ianik Costa, Eduarda Basso, Izadora Ribeiro Perkoski, Thais Rodrigues, Giovana Munhoz Da Rocha, Paula Inez da Cunha Gomide	23
O ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA INTERVENÇÃO SOBRE O TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO	
Joliane Matveichuk do Prado, Fernanda Zetola Delage	26
COMPORTAMENTO SOCIAL DE PACIENTES COM FIBROSE CÍSTICA E FAMILIARES PARTICIPANTES DO GRUPO VIRTUAL DO INSTITUTO UNIDOS PELA VIDA	
Verônica Del Gagnano Stasiak, Mariana Salvadori Sartor, Yara Kuperstein Ingberman.....	28
INTERVENÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL COM FAMILIAR DE PACIENTE COM TCE GRAVE EM IMINÊNCIA DE MORTE	

Anna Keila Hecke Polak, Marcel Wilkins Pereira Souza	30
ATENDIMENTO EM GRUPO PARA ORIENTAÇÃO A FAMÍLIAS COM FILHOS EM TRATAMENTO PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO	
Jenifer Pavan de Paula, Ana Elisa Vilas Boas, Daiane Furlan, Daniela Oliveira, Dianna Ricci, Eloisa Ambrosio, Fernanda Silva, Fernanda Lima, Giuliana Angeli Pieri, Maisa Flávia Moraes Norcia, Silvia Aparecida Fornazari	32
O TREINO DE ASSERTIVIDADE COMO POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UM GRUPO DE ADOLESCENTES	
Lígia Fernandes da Silva, Karen Priscila Pietrowski, Aline Santti Valentim, Vânia Lúcia Pestana Sant'Ana.....	34
O BULLYING NA ÓTICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL	
Gabriel Fernandes Camargo Rosa	36

Quinta feira, 6 de Junho de 2013	
07h00	Credenciamento
8h00 10h30	100 anos de Behaviorismo: Do manifesto aos dias de hoje, o que descobrimos? (mesa de abertura) <i>Roberto Alves Banaco (PUC-SP / Núcleo Paradigma - SP)</i> <i>Silvio Paulo Botomé (Universidade Federal de Santa Catarina)</i>
10h30	Intervalo
11h00 12h00	Metacontingências e estudos culturais na análise do comportamento: Desenvolvimento histórico e perspectivas contemporâneas <i>Saulo Velasco (USP)</i>
12h-14h	INTERVALO ALMOÇO
14h00 15h30	Skinner vai à escola: Por que o analista do comportamento também deveria ir? <i>Juliana Helena Silvério (LACC – Instituto de Análise do Comportamento de Curitiba)</i>
15h30	COFFEE BREAK
16h00 18h00	Avanços no estudo do comportamento verbal e as habilidades do terapeuta <i>Roberto Alves Banaco (PUC-SP / Núcleo Paradigma - SP)</i>

Sexta feira, 7 de Junho de 2013	
09h00 12h00	MINI-CURSO 1: Comportamento simbólico e cultura <i>Saulo Velasco (USP)</i> MINI-CURSO 2: Análise do Comportamento aplicada à Psicologia Forense: Avaliação de risco e crimes sexuais <i>Giovana Munhoz da Rocha (UTP – PR)</i>
12h-14h	INTERVALO ALMOÇO
14h00 15h00	APRESENTAÇÃO DE PAINÉIS
15h00 16h20	Terapia familiar: Da modificação do comportamento ao enfoque analítico comportamental <i>Yara Kuperstein Ingberman (IEPAC / FEPAR / Universidade Tuiuti)</i>
16h20-16h40	COFFEE BREAK
16h40 18h00	O Transtorno Obsessivo-Compulsivo na clínica analítico-comportamental <i>Joana Singer Vermes (Núcleo Paradigma – SP)</i>

Sábado, 8 de Junho de 2013

09h00 12h00	MINI-CURSO 3: Análise do Comportamento em organizações <i>Helder Lima Gusso (Universidade Positivo / UFSC)</i> <i>Gabriel Gomes de Luca (UFPR / UFSC)</i> MINI-CURSO 4: O manejo do bullying na clínica analítico-comportamental <i>Joana Singer Vermes (Núcleo Paradigma – SP)</i>
12h-14h	INTERVALO ALMOÇO
14h00 15h30	O papel de autoclínicos na persuasão: análise teórico-empírica <i>Maria Martha Costa Hübner (USP)</i>
15h30-16h00	COFFEE BREAK
16h30 18h00	O futuro da análise do comportamento: Perspectivas e exigências para os próximos 100 anos. (mesa de encerramento) <i>Silvio Paulo Botomé (UFSC)</i> <i>Maria Martha Costa Hübner (USP)</i>

**RESUMOS EXPANDIDOS DAS PESQUISAS
APRESENTADAS EM PAINÉIS**

TORNAR-SE TERAPEUTA: O DESAFIO DA ANÁLISE DE QUEIXA INICIAL COMPLEXA AO LONGO DO PROCESSO TERAPÊUTICO

Luiza Damasceno Archer¹
Cláudia Lúcia Menegatti

Introdução: O objetivo deste estudo foi descrever um processo terapêutico no qual as hipóteses funcionais levantadas inicialmente foram modificadas ao longo do processo terapêutico, alterando os objetivos e o curso do trabalho.

Método:

(1) *Sujeito:* L., sexo feminino, 41 anos, casada, três filhos, afastada de seu emprego ao início do atendimento e residente de cidade do interior.

(2) *Fontes de informação:* Relatos da participante do estudo e de sua mãe.

(3) *Situação e ambiente:* L. procurou terapia alegando sofrer episódios que denominava "apagões" (episódios de confusão e desorientação), além de respostas de ansiedade, agressividade e perda de memória que a mantinham afastada de suas atividades.

(4) *Equipamento e material:* Gravador de voz para as sessões, som e folhas A4.

(5) *Procedimento:* Este trabalho fez parte do projeto "Desenvolvimento de Habilidades Terapêuticas em Alunos de Pós Graduação em Terapia Comportamental no Enfoque da Análise do Comportamento", aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa - parecer 11960/11.

Realizaram-se nove sessões, com duração de 50 minutos cada, em uma clínica-escola. As sessões inicialmente ocorreram com frequência semanal, passando a intervalos cada vez maiores devido a problemas de saúde relatados pela paciente e de transporte ao local do atendimento, pois L. residia em outra localidade. Todas as sessões foram gravadas, exceto a primeira - na qual foi apresentado o trabalho, feito o convite de participação e assinado o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Trechos das sessões foram selecionados e transcritos para análise.

Resultados: Inicialmente, a paciente trouxe como queixa a ocorrência de "apagões", ansiedade e agressividade, o que foi investigado em relação à magnitude, frequência e intensidade dessas respostas em tríplice contingência. Tendo isto como queixa, a terapeuta iniciante formulou hipóteses nas três primeiras sessões. A partir da quarta sessão, as hipóteses iniciais foram refutadas com base nos resultados das intervenções propostas de redução de ansiedade. Novas análises funcionais permitiram compreender mais adequadamente a queixa trazida pela paciente ao longo do processo terapêutico. Verificou-se que tais respostas eram tanto reforçadas positivamente por atenção e cuidado das pessoas próximas, quanto negativamente, por meio do afastamento de seu trabalho e demais estímulos aversivos (presença de terceiros

¹ Acadêmica de Psicologia na Faculdade Evangélica do Paraná. Contato: luiza.archer@gmail.com

quando desejava estar sozinha). L. não demonstrava interesse em mudar seu comportamento-queixa, mas justificar, por meio da terapia, o seu afastamento do trabalho pelo INSS. Assim, a proposta de mudança das respostas inicialmente apresentadas como queixa à terapia não aparentava possuir função reforçadora que concorresse com o cuidado e atenção recebidos ao emitir comportamentos compatíveis com sua condição de “doente” [sic].

Discussão: Ao início dos atendimentos, não somente o paciente está sensível à nova contingência do setting terapêutico, como também o terapeuta está sensível ao novo paciente. O relato verbal que o paciente traz como queixa inicial serve como estímulo discriminativo para o terapeuta, que passa a atuar sob controle deste estímulo, muitas vezes ignorando o contexto.

Brandão (1994) cita que:

De longe, o erro mais facilmente cometido (pelo terapeuta) é tomar o conteúdo, em vez do contexto, como a questão alvo. Isto é, podemos nos sentir tentados a tomar o relato do cliente, do que incomoda a ele ou ela, como uma avaliação exata do que necessita ser mudado, quando de fato este evento é problemático somente dentro de um contexto determinado. (p. 46)

Não se deve considerar que os episódios apresentados como queixa inicial não eram aversivos à paciente, pois, por meio de seu relato, percebia-se que sua condição era acompanhada de muito sofrimento. Porém, observou-se que as consequências advindas destes episódios apresentavam-se mais reforçadoras do que aversivas para a paciente. É possível que, ao mesmo tempo que este quadro se apresentava como "problema", foi a "melhor solução" encontrada por um organismo com repertório limitado para verbalizar seus encobertos. Ou, como L. mesma citou, "o meu organismo tá... pedindo socorro, né. Talvez seja por isso".

O indivíduo sentirá a necessidade de alterar seu comportamento quando as consequências deste não possuírem tanto valor reforçador quanto antes, tornando-se, muitas vezes, aversivas. Porém, um comportamento considerado inadequado socialmente esconde potenciais reforçadores, que se revelam somente com o aprofundamento das análises funcionais. Por vezes, o valor reforçador de um comportamento não é facilmente reconhecível para o próprio paciente, quanto mais para seu terapeuta.

Salienta-se a importância do constante questionamento ao longo do processo terapêutico sobre as hipóteses inicialmente formuladas. Isso se observa a partir dos resultados das intervenções, que, não sendo eficazes, devem conduzir o terapeuta a questionar todo o processo, desde suas hipóteses.

Referências

Brandão, M. Z. S. (1994) *Teorias e Técnicas Psicoterápicas*. Apostila. Universidade Estadual de Londrina.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EM ORGANIZAÇÕES: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM SERVIÇO ESCOLA DE PSICOLOGIA

Annelise Sales de Mello¹
Josiane Maria Donadeli²
Helder Lima Gusso³

Introdução: A Psicologia organizacional é um campo de atuação da Psicologia no qual são examinadas as relações entre processos comportamentais e as características dos trabalhadores, dos processos do trabalho, das estruturas organizacionais e do ambiente externo da própria organização (Zanelli, 1992). A Gestão de desempenho é uma das atividades possíveis de serem realizadas pelo psicólogo na organização, e pode ser realizada sob a visão da abordagem da análise do comportamento, tendo como foco o comportamento. A gestão de desempenho tem como função criar um local de trabalho que estabeleça condições para que as pessoas realizem um trabalho de qualidade, realizando a mudança do comportamento de funcionários por meio da modificação do contexto de seus comportamentos, gerando um maior valor para a organização (Daniels & Daniels, 2002).

Método: Foram realizados partes do processo de implantação de um sistema de gestão de desempenho em um serviço escola de Psicologia de uma universidade em Curitiba. O trabalho foi realizado em três etapas. A primeira etapa consistiu na caracterização dos comportamentos profissionais de cada cargo com base na análise do comportamento. Participaram desta etapa colaboradores do serviço escola de Psicologia (secretárias, estagiários e coordenadores). Foram realizadas entrevistas individuais e análise de documentos da organização. A partir da descoberta dos comportamentos que delimitam a função dos diferentes colaboradores na organização, realizada na primeira etapa do trabalho, foram elaborados instrumentos para a avaliação dos comportamentos profissionais. Foi elaborado um questionário online para avaliar a percepção das pessoas que utilizam o serviço de Psicologia: alunos e professores do curso de Psicologia da universidade e um questionário impresso para os clientes do serviço de Psicologia. A última etapa consistiu na representação dos processos e relações funcionais da organização, que estava diretamente relacionada à definição do planejamento estratégico da organização. Como forma de aperfeiçoar a delimitação dos serviços e dos processos organizacionais que dão suporte a eles, foi realizado o mapeamento da estrutura organizacional. Para isso, foram construídos o hierarcograma/organograma, o organograma/organograma funcional e um pictograma como representação do sistema comportamental do serviço escola de Psicologia.

Resultados e discussão: Como resultado da primeira etapa, os comportamentos profissionais foram caracterizados, ou seja, realizado análise funcional dos comportamentos dos funcionários e gestores do serviço de Psicologia, com o objetivo de delimitar as funções de cada colaborador. Estes comportamentos

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Positivo (Curitiba/PR). Contato: annelise_mello@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Positivo. Contato: josianedonadeli@gmail.com

³ Professor do curso de Psicologia da Universidade Positivo. Contato: heldergusso@gmail.com

foram organizados em uma tabela, constituindo a análise desse cargo e posteriormente foram utilizados como base para o processo seletivo de novos estagiários do serviço escola, propiciando maior clareza sobre o que precisava ser avaliado. Além de possibilitar melhores processos de seleção, realizar a descrição dos comportamentos dos funcionários e gestores do serviço escola aumenta a probabilidade de que os colaboradores comportem-se de maneira coerente com o que é esperado deles, facilitando ao gestor identificar o que precisa ser gerido. A partir da descoberta dos comportamentos que delimitam a função dos diferentes colaboradores na organização, realizada na primeira etapa do presente trabalho, foram elaborados instrumentos para a avaliação dos comportamentos profissionais por meio de questionários. Os resultados obtidos foram apresentados aos colaboradores e aos gestores. Os gestores utilizaram os dados para realizar feedback do desempenho dos colaboradores e para a elaboração de um plano de ação para aperfeiçoamento dos processos. Posteriormente foi iniciada uma etapa diretamente relacionada à definição do planejamento estratégico da organização. Para isso foram construídos o hierarcograma/organograma, o organograma/organograma funcional, e o pictograma. O primeiro evidencia as relações hierárquicas na organização. O segundo permite identificar as relações funcionais interdepartamentais; inclui o cliente, o produto e o fluxo de trabalho (Rummler & Brache, 1992). E o terceiro, denominado por Rummler e Brache (1992) de sistema de desempenho humano, fornece um quadro das pessoas e do ambiente imediato que as cerca; este forneceu a representação dos processos constituintes do serviço de psicologia.

Verificam-se poucas produções nacionais voltadas à análise do comportamento aplicada às organizações, sendo importante que haja mais produções acadêmicas sobre o assunto. A análise do comportamento demonstra ser eficaz na compreensão dos processos que constituem a organização, contribuindo para o bem estar das pessoas envolvidas nesta, e para que melhores resultados sejam atingidos.

Referências

- Daniels, A. C. & Daniels, J. E. (2006). *Performance Management: Changing behavior that drives organizational effectiveness*. Atlanta: Performance Management Publications.
- Rummler, G.A. & Brache, A. P. (1992). *Melhores desempenhos das empresas. Ferramentas para a melhora da qualidade e da competitividade*. São Paulo: Makron Books.
- Zanelli, J.C. (2002). *O psicólogo nas organizações de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.

CLASSES DE COMPORTAMENTOS PROFISSIONAIS DE PAIS SOCIAIS EM CASAS

LARES

Aline Rosa do Nascimento¹

Helder Lima Gusso²

Introdução: As instituições de acolhimento são criadas como uma alternativa de cuidados e proteção a crianças e adolescentes em situação de alto grau de vulnerabilidade social. No entanto, existem pesquisas cujos dados indicam que a institucionalização traz mais danos do que benefícios para muitos desses menores. Uma das modalidades de instituição de acolhimento é a casa lar, a qual fica sob responsabilidade da mãe/ou pai social, que tem o papel de cuidar das crianças e/ou adolescentes que ali estão, propiciando condições semelhantes a um ambiente familiar. Entretanto, não está claro na literatura, nem nas determinações legais de atividades atribuídas ao seu trabalho, quais comportamentos específicos esses profissionais precisam apresentar para produzir os objetivos propostos pela medida de institucionalização. O objetivo desta pesquisa foi caracterizar comportamentos que constituem atividades profissionais de pais sociais em instituições de acolhimento na modalidade casa lar.

Método: Para isso foi realizado procedimento de descoberta de classes de comportamentos a partir de observação indireta por meio de documentos. Como fontes de informação foram utilizadas as obras de Sartorelli (2004) e Sperancetta (2010), por conterem, dentre as obras identificadas, maior quantidade de informações referentes a: (1) condições existentes em casas lares com as quais os pais sociais lidam, (2) o que estes fazem ou deveriam fazer diante de tais condições e, (3) o que deve decorrer a partir do que fazem, para viabilizar análise funcional dos comportamentos profissionais de pais sociais. O procedimento adotado foi elaborado a partir do método utilizado por Garcia (2009) e Assini (2010) e é derivado das contribuições de pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa em Análise do Comportamento em Organizações, Trabalho e Aprendizagem da Universidade Federal de Santa Catarina. O procedimento consistiu em cinco etapas: (1) selecionar e transcrever trechos que fizessem referência a classes e/ou componentes de comportamentos que constituem atividades profissionais de pais sociais, de modo a sinalizar um ou mais dos seguintes aspectos: com o que os pais sociais lidam; o que os pais sociais fazem/terão que fazer com aquilo que lidam; o que decorre ou deveria decorrer daquilo que os pais sociais fazem; (2) completar ou aperfeiçoar, quando necessário, a descrição dos componentes identificados; (3) derivar componentes não identificados nas fontes de informação; (4) nomear as classes de comportamento; e (5) listar e categorizar as classes de comportamentos de acordo com funções gerais que apresentassem em comum.

Resultados e discussão: Foram encontrados 127 comportamentos, agrupados em 26 classes gerais. As classes gerais foram categorizadas de acordo com diferentes dimensões do trabalho de pais sociais: (1) promoção de desenvolvimento afetivo e social: foram agrupados comportamentos que têm por função tornar mais provável o desenvolvimento de comportamentos das crianças e adolescentes considerados apropriados

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Positivo (Curitiba/PR). Contato: aline-wb@ibest.com.br

² Professor do curso de Psicologia da Universidade Positivo. Contato: heldergusso@gmail.com

na relação com o meio social; (2) administração do ambiente doméstico e institucional: foram agrupados comportamentos de pais sociais em relação ao ambiente doméstico e institucional. Como os pais sociais ficam responsáveis pela casa lar, eles têm a necessidade de gerenciar a organização dos espaços, das rotinas e das atividades que ocorrem; (3) promoção de saúde e desenvolvimento físico: foram agrupados comportamentos que se referem a procedimentos dos pais sociais para produzir como consequências a saúde física e o desenvolvimento físico das crianças e adolescentes; (4) promoção de desenvolvimento cognitivo: foram agrupados comportamentos de pais sociais que têm por função o desenvolvimento cognitivo das crianças e adolescentes; e (5) inserção de crianças e adolescentes no ambiente institucional: foram agrupados comportamentos a serem apresentados pelos pais sociais em relação a crianças e adolescentes que ingressam na casa lar, cuja função deve ser atenuar emoções e sentimentos negativos como medo, insegurança, raiva em relação ao novo ambiente.

Considerações finais: As ações exercidas por aqueles que são responsáveis diretos por cuidar de menores que vivem em instituições, incluindo as casas lares, podem contribuir para aumentar a qualidade do atendimento a essa população, uma vez que são com eles que mantém maior frequência e constância de interações. O material produzido como resultado desta pesquisa pode contribuir para o gerenciamento do trabalho realizado por pais sociais e na explicitação da importância desse trabalho na sociedade, uma vez que promove maior visibilidade de que comportamentos os pais sociais precisam apresentar em suas atividades nas casas lares. Identificar esses comportamentos, cuja dimensão social é aquela que os caracteriza contribuirá também para que programas de capacitação se tornem possíveis e desejáveis de elaborar e aplicar, assim como possibilita que avaliações de seus serviços sejam feitas em consonância com objetivos socialmente relevantes.

Referências

- Alexandre, D. T. & Vieira, M. L. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, 9, 207-217. Retirado em 11 de agosto de 2011, da base de dados sciELO.
- Alvarenga, P. O. (2006). Desenvolvimento Socioemocional nos Primeiros Anos de Vida e as Contingências em Operação na Interação Pais-Criança. Em H. J. Guilhardi. & N. C. Aguirre, (org). *Sobre Comportamento e Cognição: expondo a variabilidade*. (Vol. 19, pp. 315-324). Santo André, SP: ESETec.
- Assembléia Geral das Nações Unidas (1948), *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Assembléia Geral das Nações Unidas. Recuperado em 14 de novembro de 2012, de http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm
- Assini, L. C. (2010). *Comportamentos Profissionais Básicos Constituintes da Classe Geral Prevenir "Comportamentos-Problema"*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S., & Martinelli, C. C. (2002). Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID. Recuperado em 25 de junho de 2012, de <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>

- Botomé, S. P. (2001). Sobre a noção de comportamento. Em: Feltes, H. P. de M. & Zilles, U. (orgs). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.687-708.
- Cassol, L. & Antoni, C. (2006). Família e abrigo como rede de apoio social e afetiva. Em D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller & M. A. M. Yunes (Orgs.), *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção* (pp.173-201). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cavalcante, L. I. C., Brito, R. C. S., & Magalhães, C. M. C. (2005). Crianças institucionalizadas: limites e riscos ao desenvolvimento. Em F. A. R. Pontes, C. M. C. Magalhães, R. C. S. Brito & W. L. B. Martin (Orgs.), *Temas pertinentes à psicologia contemporânea* (pp. 327-353). Belém, PA: EDUFPA.
- Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C. & Pontes, F. A. R. (2007). Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Aletheia*, 25, 50-34. Retirado em 25 de setembro de 2012, de <http://www.ufpa.br/led/documentos/Institucionalizacaooprecoceeprolongadadecrianças.pdf>
- Classificação Brasileira de Ocupações (2002). Relatório Tabela de Atividades: Família Ocupacional: 5162 – Cuidadores de crianças, jovens, adultos e idosos. *Ministério do Trabalho e Emprego*. Brasília, DF. Recuperado em 11 de setembro de 2011, de <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaAtividades.jsf>
- Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente/Conselho Nacional de Assistência Social (2006). *Plano nacional de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária*. Brasília. Recuperado em 11 de setembro de 2011, de <http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/planonacional.pdf>
- Garcia, M. P. (2009). *Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gomide, P. I. C. G. (2004). *Pais Presentes, Pais Ausentes: Regras e limites*. Petrópolis: Vozes.
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, Autoconfiança e Responsabilidade. Em M.Z.S. Brandão, F.C.S. Conte & S.M.B. Mezzaroba (Orgs.). *Comportamento Humano: Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor*. Santo André: ESETec
- Lei n. 7.644, de 18 de dezembro de 1987 (1987). Dispõe sobre a regulamentação da atividade de mãe social, e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 11 setembro, 2011, de <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7644-18-dezembro-1987-376910-publicacaooriginal-1-pl.html>
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF.
- Moré, C. L. O. O. & Sperancetta, A. (2010). Práticas de Pais Sociais em Instituições de Acolhimento de Crianças e Adolescentes. *Psicologia e Sociedade*, 22, 519-528. Retirado em 11 de setembro de 2011, da base de dados sciELO.
- Nogueira, P. C. & Costa, L. F. (2005). Mãe Social: Profissão? Função Materna? *Estilos da Clínica*, 10, 162-181. Retirado em 11 de setembro de 2011, da base de dados Pepsic.
- Prada, C. G. (2007). *Avaliação de um programa de práticas educativas para monitoras de um abrigo infantil*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Prada, C. G., Willians, L. C. de A. & Weber, L. N. D. (2007). Abrigos para Crianças Vítimas de Violência Doméstica: Funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 9, 14-25. Retirado em 29 de setembro de 2011, de

http://www.nac.ufpr.br/artigos_do_site/2007_Abrigos_para_crianças_vitimas_de_violencia_domestic_a.pdf

- Projeto de Lei n. 2.971 de 2004* (2004). Altera a Lei n. 7.644 de 18 de dezembro de 1987, para dispor sobre a regulamentação da atividade de pai social. Brasília, DF. Recuperado em 11 de setembro, 2011, de <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/198115.pdf>
- Sartorelli, J. B. (2004). *Condições de vida de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo: a percepção pelos jovens e pelas crianças e os processos de gestão dessas condições pelos que cuidam da instituição*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social (2012)
- Siqueira, A. C. & Dell’Aglia, D. D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18, 71-80. Retirado em 29 de setembro de 2011, da base de dados sciELO.
- Sperancetta, A. (2010). *Educar-cuidar: práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Weber, L. (2005). *Eduque com carinho: para pais e filhos*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. D. & Kossobudzki, L. H.M. (1996). *Filhos da solidão: institucionalização, abandono e adoção*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná.
- Yunes, M. A. M., Miranda, A. T., & Cuello, S. E. S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. Em S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 197-218). São Paulo: Casa do Psicólogo.

LEVANTAMENTO DE INTERVENÇÕES REALIZADAS PARA REDUÇÃO DA HOMOFOBIA

Christiane Henriques Ferreira^{1,2}
Cassiana Sterza Versoza^{1,3}
Silvia Aparecida Fornazari^{1,4}

Introdução: Este trabalho teve como objetivo investigar as intervenções realizadas para o ensino de novos repertórios comportamentais para diminuição da homofobia e fazer uma análise crítica dessas intervenções a luz da Análise do Comportamento. O tema foi pouco abordado por pesquisadores dentro dessa área, por ser um tema muito recente, já que até a década de 1990 o Código Internacional de Doenças, CID, caracterizava essa orientação sexual como doença - o “homossexualismo”. Até a segunda metade no século XIX, a medicina e a psiquiatria apontaram a homossexualidade como doença e apenas em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria afirmou ser antiético fazer tratamento com homossexuais e em 1999 o Conselho Federal de Psicologia passou a proibir psicólogos de tratar essa população, ou seja, tentar “curá-los” tornando-os heterossexuais. Embora já tenha havido todo esse avanço, os indivíduos homossexuais ainda sofrem preconceito. A homofobia é um comportamento governado por regras e é reforçado seja pelas agências controladoras (igreja, educação, governo) ou por contingências familiares. A homofobia acontece dentro de uma contingência replicadora cultural por meio da comunidade verbal na qual o indivíduo está inserido.

Metodologia: Esta é uma pesquisa de levantamento. Buscou-se artigos pertinentes ao tema na plataforma CAPES e no SCIELO, definindo como critério de seleção artigos publicados nos últimos dez anos e cuja palavra “homofobia” aparecesse ou no título, ou no resumo ou nas palavras chaves. Utilizou-se ainda do critério de que os artigos selecionados deveriam relatar algum tipo de intervenção para a diminuição da homofobia. Nesses artigos analisou-se o tipo de intervenção realizada, a duração de tais intervenções e quais eram o público alvo.

Resultados: dos 293 artigos encontrados, apenas três estavam dentro dos critérios de busca. Observou-se que a metodologia de intervenção utilizada nesses artigos consistia em cursos e ciclo de debates e todos com duração de um ano sendo que, dois artigos eram voltados para trabalho com professores e o terceiro artigo tratava de uma intervenção realizada em uma clínica escola de psicologia localizada no interior de SP. O ciclo de debates utilizava-se de filmes para a discussão da homossexualidade e da homofobia, sendo que em um dia da semana exibia-se um filme sobre a homossexualidade feminina e em outro dia um filme sobre a homossexualidade masculina. Um dos cursos de professores levou travestis para dar aula, para que os alunos tivessem contato com a população LGBT.

¹ Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina. (UEL/PR).

² Contato: christiane_henriques@hotmail.com

³ Contato: cassianaversoza@gmail.com

⁴ Contato: silfornazari@yahoo.com.br

Discussão: Segundo a análise desenvolvida no presente trabalho, essas intervenções têm baixa probabilidade de ensinar novos repertórios para a diminuição da homofobia, visto que, segundo a análise dos artigos, as contingências culturais reforçam muito o comportamento homofóbico. Considerando que uma das formas de transmissão da cultura é através da imitação e, considerando ainda que a aprendizagem com o outro é parte fundamental no repertório de um indivíduo, torna-se muito difícil ensinar novos comportamentos a indivíduos que passaram anos ouvindo que a homossexualidade é pecado ou que é doença. Agências controladoras como a igreja, que relatam que o comportamento homossexual é errado, disponibilizam reforçadores e punidores muito importantes na manutenção do comportamento homofóbico e uma intervenção de um ano, conforme realizada nos artigos, pode não ser suficiente para ensinar novos repertórios comportamentais a esses indivíduos. A escola, enquanto primeiro local de contato social de um indivíduo, pode reforçar ou punir o comportamento homofóbico, daí vem a importância de intervenções dentro dessa agência de controle.

O governo e as leis, também enquanto agências controladoras, estão aos poucos mudando, como o programa do governo federal “Brasil sem homofobia”. Essas mudanças podem ajudar no ensino de novos repertórios comportamentais, fazendo com que o indivíduo se depare com essas contingências e possa, dessa forma, rever seus preconceitos, conforme relatou a discussão de um dos artigos analisados, onde professores que não se consideravam homofóbicos, ao se depararem com um travesti em sua frente, começaram a admitir o preconceito.

Palavras-chaves: preconceito, homossexualidade, análise do comportamento, homofobia.

Referências:

- Baum, W.M. (2006). Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução. Porto Alegre: Artmed.
- Filho, F., et al. (2010). Práticas psi na desconstrução da homofobia e dos gêneros. Revista Ciência em extensão. Vol 05.
- Nardi, H. C., Quartiero, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana. N. 11 – ago, 2012, 59-87
- Rohden, F. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. Cadernos de Pesquisa. Vol 39 – 2011, 157-174
- Skinner, B.F. (2003). Ciência e comportamento humano. São Paulo: Martins Editora.

A BUSCA PELO CORPO PERFEITO

Diego da Silva¹, Cristiane de Souza Andrade, Diomara Arruda, Andréia Gomes Riba²
Marina Pires Alves Machado³

Introdução: O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento das possíveis motivações e variáveis que podem levar indivíduos, do sexo masculino, a utilizar anabolizantes, e também qual é a imagem corporal que esses homens estabelecem sobre si.

Método: Foram entrevistados 10 sujeitos do sexo masculino com idade entre 19 e 35 anos, praticantes de musculação e que tinham músculos visivelmente definidos, os quais responderam um questionário contendo 18 perguntas fechadas. Entende-se o questionário como um conjunto de estímulos textuais, verbais, com diferentes funções, eficazes para controlar tanto os comportamentos do entrevistador quanto os comportamentos do entrevistado.

Resultados: Sabe-se da importância de uma avaliação qualitativa de cada item do questionário, no entanto, os dados foram analisados apenas de forma quantitativa e os resultados obtidos apontaram que 70% dos entrevistados fizeram uso de anabolizantes, devido ao efeito rápido na obtenção de massa muscular; 50% não estavam satisfeitos com seu corpo e 40% tinham sua imagem corporal como magros ou fracos.

Discussão: Anabolizantes são substâncias sintetizadas em laboratório relacionadas aos hormônios masculinos. O consumo destas substâncias produzem efeito anabólico que aumenta a massa muscular esquelética. Os usuários possuem risco cinco vezes maior de ter acidente vascular cerebral, parada cardíaca ou morte súbita do que a população em geral. Indivíduos acometidos pela vigorexia frequentemente se descrevem como “fracos e pequenos”, quando na verdade apresentam musculatura desenvolvida em níveis acima da média da população masculina, caracterizando uma distorção da imagem corporal. O modelo de seleção pelas consequências leva em consideração a carga genética do indivíduo, com características que foram herdadas ao longo da evolução da espécie, e que serviram para sua sobrevivência. Considera também o meio e a cultura onde este indivíduo está inserido, e conseqüentemente, teve seus comportamentos reforçados e selecionados ao longo de sua vida. Existem as agências controladoras, que são grupos que exercem o controle de seus membros através do reforçamento ou da punição, ou seja, através da manipulação de um conjunto de variáveis, como governo, religião, educação e outras. Podemos relacionar as agências controladoras com os grupos em que os sujeitos estão inseridos nas academias. Por exemplo: se o indivíduo tem um “corpo perfeito e musculoso” ele é elogiado e colocado em evidência, portanto, seu comportamento para ganho de massa muscular está sendo reforçado e, pode ser que esteja nessa classe de respostas, o uso de anabolizantes. Se o sujeito é magro e sem músculos ele pode ser excluído do grupo, ou seja, seu comportamento de praticar musculação está sendo punido por não ter um corpo considerado perfeito.

¹ Acadêmico do 9º período de Psicologia da FACEL - Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras (Curitiba, PR).
Contato: diedidiego@gmail.com

² Acadêmicas do 7º período de Psicologia da FACEL.

³ Mestre em Psicologia, Professora da FACEL.

Conclusão: Conclui-se através deste estudo exploratório que a busca pelo corpo perfeito, idealizado pela sociedade e, conseqüentemente pelo sujeito, pode levar o indivíduo ao uso de anabolizante, substância que proporciona efeito rápido, mas que coloca em risco a saúde do indivíduo podendo causar dependência física, psicológica e, em casos extremos, podendo levar o sujeito à morte. Os resultados apontam a necessidade de campanhas de prevenção e de conscientização sobre as conseqüências do uso dessas substâncias. Pesquisas que tenham como objetivo desenvolver autoconhecimento e autocontrole parecem importantes para essa população, visto que trata-se de ter consciência sobre o que controla o comportamento de praticar musculação e recorrer ao uso de anabolizante, além dos efeitos e conseqüências a curto, médio e longo prazo a partir das escolhas feitas. Cada item do questionário foi respondido conforme o repertório de entrada (linha de base) do entrevistado. Sendo assim, a limitação desse estudo está no fato de não ter investigado as contingências que instalaram e as que estão mantendo o comportamento-problema. Os meios de comunicação e os grupos sociais exercem influência sobre o comportamento dos indivíduos e pregam a mensagem “tenham um corpo perfeito”, mesmo que, para isso, o sujeito tenha que correr risco de morte. Como integrantes e participantes da sociedade devemos trabalhar para a desconstrução destes valores errôneos impostos pela mídia e influências sociais visando o bem estar e a satisfação do sujeito consigo mesmo.

Referências

- Bock, A., Furtado, O, Teixeira, M. (2002). **Uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª Ed. São Paulo: Saraiva.
- Camargo, T. P. P., Costa, S. P. V., Uzunian, L. G. & Viebig, R. F. (2008). Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. **Rev. bras. psicol. esporte**, 2(1), 121-132.
- Iriart, J. A. B.; Andrade, T. M. (2002). Musculação, uso de esteroides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, 18(5), 1379-1387.
- Iriart, J. A. B.; Chaves, J. C.; Orleans, R. G. (2009). Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cad. Saúde Pública**, 25(4), 773-782.
- Skinner, B.F. (2003). **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes.

ALGUNS MECANISMOS DE DEFESA FREUDIANOS SOB O OLHAR DO BEHAVIORISMO RADICAL DE SKINNER

Renan Miguel Albanezi^{1,2}
Leonardo Pestillo de Oliveira³
Yara Cristina Romano Silva⁴

Introdução: Os mecanismos de defesa foram elaborados na teoria psicanalítica de S. Freud e designam diferentes operações mentais que têm como principal função proteger o indivíduo daquilo que lhe possa causar algum sofrimento psíquico. Segundo teóricos psicanalíticos, todos esses mecanismos se processam pelo ego, sendo, em sua maioria, inconscientes. Já o ego é considerado parte de uma estrutura mental, na qual ainda existem outras duas estruturas chamadas id e superego, que compõem a tríade mental que determina como se dá a personalidade do indivíduo. Essa tríade surge da necessidade do organismo de fazer transações entre o mundo interno e o mundo objetivo externo. Entretanto, todos esses conceitos partem (e fazem parte) de explicações mentalistas para o comportamento. Explicações essas que, para os behavioristas radicais, são no mínimo insuficientes e insatisfatórias, uma vez que o comportamentalismo entende que a maneira pela qual um organismo se comporta depende muito mais de variáveis ambientais das quais o comportamento é função do que de uma possível mente de natureza imaterial. Visto isto, esta pesquisa teve como objetivo principal entender como o Behaviorismo Radical poderia contemplar alguns mecanismos de defesa freudianos pautando-se não em uma estrutura mental para explicar estes fenômenos, mas na sua relação com o controle aversivo, com princípios do reforçamento negativo, dos comportamentos de fuga e esquiva e também da punição.

Método: Este projeto foi realizado com base em livros e artigos científicos nacionais e internacionais, em textos do próprio Skinner e do Freud, bem como seus comentadores contemporâneos que expõem conceitos de mecanismos de defesa, na visão de ambos os autores; de controle aversivo, fuga e esquiva e outros conceitos que possam explicar alguns mecanismos de defesa. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de contemplar a relação entre estes conceitos e entender qual é a visão do Behaviorismo Radical sobre os mecanismos de defesa ditos inconscientes pela teoria psicanalítica de Freud.

Resultados: Os mecanismos de defesa, para psicanálise, servem basicamente para defender o ego daquilo que ele não está preparado para enfrentar. Talvez tais mecanismos possam ser descritos em comportamentos de fuga e esquiva que um indivíduo apresenta quando está sob controle aversivo. Visto isso, esta pesquisa contemplou a análise dos seguintes mecanismos: repressão, negação, projeção, sublimação, formação reativa e identificação. Sob a visão psicanalítica, a repressão seria considerada um mecanismo que mantém fora da consciência impulsos, ideias e sentimentos que são inaceitáveis por provocarem ansiedade. A negação seria o bloqueio de algumas percepções do mundo externo ou a negação

¹ UniCesumar – Centro Universitário Cesumar – Maringá (PR) – Departamento de Psicologia.

² Acadêmico do 4º ano de Psicologia. Contato: renanmiguelpsi@live.com

³ Professor Ddo. (Orientador). Contato: leopestillo@gmail.com

⁴ Professora Esp. (Co-orientadora). Contato: yararomano@cesumar.br

da própria existência para se proteger. O mecanismo de projeção poderia ser descrito como um processo da mente pelo qual características do próprio indivíduo não são aceitas conscientemente, e assim, atribuídas ao meio. Já a formação reativa seria a adoção de um comportamento oposto à tendência reativa que o sujeito tenta esconder. A sublimação seria explicada como desejos inaceitáveis que são expressos de forma socialmente aceita; e na identificação, a pessoa assumiria características de outra e as adequariam à sua própria personalidade. As explicações behavioristas apresentadas para se entender os mecanismos de defesa mostra que esses fenômenos estão potencialmente relacionados com o reforçamento negativo, que, por conseguinte, associam-se a comportamentos de fuga e esQUIVA que o indivíduo pode apresentar, num primeiro momento. Assim, a repressão pode ser explicada como um comportamento de esQUIVA em relação às contingências aversivas semelhantes às que causaram um dado trauma ou a falta de sensibilidade a essas contingências. A negação seria basicamente a fuga de situações potencialmente aversivas, que causariam demasiado sofrimento. A projeção teria uma relação com a supressão do comportamento punido ou com o comportamento que fosse ao menos passível de punição. A formação reativa poderia ser explicada por meio da emissão de um comportamento incompatível com o punido. A sublimação, por sua vez, poderia ser explicada como um comportamento que é emitido de modo a receber reforçamento positivo. E, por fim, a identificação poderia ser explanada recorrendo-se ao princípio do comportamento imitativo.

Discussão: Concluiu-se que os mecanismos de defesa estão relacionados com fuga e esQUIVA, podendo ser mantidos pelo reforçamento negativo além de poderem estar relacionados com a busca pelo reforçamento positivo e com comportamento imitativo. Freud contribuiu para o conhecimento humano, mas as variáveis ambientais tiveram papel secundário em sua teoria. Por fim, concluiu-se que as explicações mentalistas não ficam num domínio comportamental para explicar atos humanos, mas partem deles para inferir causas internas ao comportamento.

Referências:

- Adams, H. E.; Wright Jr., W. L.; Lohr, A. B. (1996) *Is Homophobia Associated With Homosexual Arousal?* Journal of Abnormal Psychology, Vol. 105, n. 3, pp. 440-445.
- Braghirolli, E. M.; Bisi, G. P.; Rizzon, L. A.; Nicoletto, U. (2010) *Psicologia Geral*. 29 ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Brenner, C. (1987) *Noções Básicas de Psicanálise*. São Paulo: Imago.
- Cabral, A.; Nick, E. (2000) *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- Freud, S. (2006) *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, A. (2006) *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed.
- D'Andrea, F. F. (2001) *Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Guilhardi, H. J. *Um modelo comportamental de análise de sonhos*. In Rangé, B. (1998) *Psicoterapia comportamental e cognitiva de transtornos psiquiátricos*. Ed. Psy II.

- Hall, C. S.; Lindzey, G; Campbell, J. B. (2000) *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Kohlenberg, R. J.; Tsai, M. (2006) *FAP – Psicoterapia Analítica Funcional: Criando Relações Terapêuticas Intensas e Curativas*. Santo André: ESETec.
- Moreira, M. B.; Medeiros, C. A. (2007) *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schultz, D. P.; Schultz, S. E. (2011) *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cengage Learning.
- Sidman, M. (1995) *Coerção e suas implicações*. Campinas: Psy II.
- Skinner, B. F. (1938/1991) *The Behavior of Organisms*. Cambridge: B. F. Skinner Foundation.
- Skinner, B. F. (1956) *Critique of Psychoanalytic Concepts and Theories*. In H. Feigl; M. Scriven (Eds.) *The Foundations of Science and the Concepts of Psychology and Psychoanalysis* (Minnesota Studies of the Philosophy of Science, Vol. 1, pp. 77-87). Minneapolis (MN): University of Minnesota Press.
- Skinner, B. F. (1965) *Science and Human Behavior*. New York: The Free Press.
- Skinner, B. F. (1969) *Contingencies of Reinforcement – A Theoretical Analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (2006) *Sobre o Behaviorismo*. 10 ed. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1978) *O Comportamento Verbal*. São Paulo: Cultrix.
- Teixeira Júnior, R. R.; Souza, M. A. O. (2006) *Vocabulário de Análise do Comportamento – Um manual de consulta para termos usados na área*. Santo André: ESETec.
- Zimmerman, D. E. (1999) *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed.

PROGRAMA CUIDAR - TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO EM COMPORTAMENTO MORAL E HABILIDADES SOCIAIS PARA JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO DA COMUNIDADE DE ITANHAÉM - SP

Analu Ianik Costa^{1,2}, Eduarda Basso^{1,3}, Izadora Ribeiro Perkoski^{1,4}, Thais Rodrigues^{1,5}
Giovana Munhoz Da Rocha⁶
Paula Inez da Cunha Gomide⁷

Introdução: Adolescentes e crianças constituem uma população com maior vulnerabilidade para se engajar em comportamentos de risco, especialmente quando em situações socioeconômicas e familiares desfavoráveis. Os programas de treinamento em Comportamento Moral e Habilidades Sociais tem como objetivo propiciar o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais e prevenir a ocorrência de comportamentos antissociais. O objetivo do presente trabalho foi elaborar e implementar um treinamento de comportamento moral e habilidades sociais para jovens da comunidade de Itanhaém–SP, visando desenvolver repertório de habilidades sociais e comportamento moral nos adolescentes e crianças participantes dos grupos. Também objetivou-se capacitar técnicos para que estes pudessem atuar como multiplicadores.

Método: A amostra foi composta por 14 crianças abrigadas por medida de proteção judicial e 11 adolescentes, dos quais 3 provenientes de família monoparental cumprindo medida socioeducativa em liberdade, com histórico de reincidência; 4 internos na fundação CASA de Itanhaém e 4 abrigados por medida protetiva. Participaram como auxiliares nos grupos, 7 técnicos do município concluintes da capacitação teórica. O programa foi composto de 12 sessões nas quais foram abordados os seguintes temas: apresentação e pré-teste, polidez/civilidade, mentira e assertividade, obediência e empatia, resolução de problemas, honestidade e justiça, amizade, habilidades sociais acadêmicas, vergonha e culpa, perdão e reparação do dano, generosidade, encerramento e pós teste. A avaliação do programa foi realizada através de pré e pós teste com os inventários IEP (Inventário de Estudos Parentais), IHSA (inventário de habilidades sociais na adolescência), EGI (Escala de Generosidade Infantil) e YSR (Youth Self Report).

Resultados: *As descrições apresentadas a seguir baseiam-se na comparação entre os escores de pré e pós teste.* Os resultados da EGI apontaram uma melhora no resultado final, variando do pré-teste para o pós-teste em 2%. A média dos resultados encontrados no IEP foi de -5,52, caracterizando um estilo parental de risco. No YSR, notou-se um aumento na percepção de competência em atividades e diminuição nas categorias queixas somáticas, problemas de atenção, ansiedade e problemas obsessivo-compulsivos. As categorias total de competências, ansiedade e depressão, problemas sociais, problemas de pensamento, soma de problemas e déficit de atenção se mantiveram estáveis, apresentaram agravamentos as categorias

¹ Faculdade Evangélica do Paraná.

² Contato: ianik@live.com

³ Contato: eduarda.fbasso@hotmail.com

⁴ Contato: izaperkoski@gmail.com

⁵ Contato: tataa_zinhaaa@hotmail.com

⁶ Faculdade Evangélica do Paraná; Universidade Tuiuti do Paraná. Contato: gimunhozdarocho@gmail.com

⁷ Faculdade Evangélica do Paraná; Universidade Tuiuti do Paraná. Contato: pgomide@onda.com.br

competência social, afastamento/depressão, comportamento de quebrar regras, agressividade, problemas internalizantes, problemas externalizantes, problemas afetivos, problemas somáticos, problemas desafiadores opositivos, problemas de conduta, problemas pós traumáticos e qualidades positivas. Em relação ao IHSA, observou-se uma melhora entre o pré e pós-teste, em todas as categorias, destacando-se as mudanças no resultado total e nas categorias empatia, assertividade e autocontrole.

Discussão: O aumento no resultado do EGI do pré para o pós teste pode demonstrar uma melhora no repertório de boas maneiras e generosidade e compreenderam valores que são importantes para o engajamento em comportamentos pró-sociais. Um estilo parental inadequado por parte dos cuidadores pode estar relacionado a uma maior probabilidade de desenvolver comportamentos antisociais. O resultado obtido com o IEP é coerente com as características gerais da amostra e com relatos da literatura. Os resultados de agravamento de alguma categorias do YSR podem estar relacionados não a uma “piora” efetiva na ocorrência dessas classes, mas sim de um aumento na percepção da ocorrência por parte dos adolescentes. No IHSA, as três categorias que apresentaram maior aumento dos escores, foram temas centrais de sessões específicas, além de terem sido retomadas várias vezes durante o programa. De um modo geral, o impacto era perceptível a medida que as sessões ocorriam, uma vez que os participantes passaram a interagir mais com os colegas e com os facilitadores, fazendo contribuições espontaneamente e relatando situações nas quais eles aplicavam o que foi trabalhado no grupo, indicando a generalização do aprendizado construído nas sessões.

Referências

- Comte-Sponville, A. (2009) Pequeno Tratado Sobre Grandes Virtudes. São Paulo: Martins Fontes.
- Del Prette, Z. A. P e Del Prette, A. (1999). Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P e Del Prette, A. (2001a). Psicologia das habilidades sociais: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P e Del Prette, A. (2001b). Inventário de Habilidades Sociais (IHS Del Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P e Del Prette, A. (2005). Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: teoria e prática. Petrópolis: Vozes.
- Elliot, S. N. e Gresham, F. M. (1993) Social Skills Interventions for Children. Behav Modif 1993 17: 287
- Hauer, R.D. (2002) Análise da interferência de um modelo de treinamento em habilidades sociais, na emissão de comportamentos pró-sociais em adolescentes normais no contexto escolar. Não publicado.
- Gomide, P. I. C, (2010) Comportamento Moral – Uma proposta para o desenvolvimento de virtudes. Curitiba: Editora Juruá.
- Gomide, P. I. C. (2008) Pais Presentes, Pais Ausentes. Petrópolis: Vozes.

- Leme, V.B.R e Bolsoni-Silva, A.T. (2010). Habilidades sociais e problemas de comportamento: um estudo exploratório baseado no modelo construcional. *Aletheia*, num.31, janeiro-abril, pg149-167. Universidade Luterana do Brasil, Canoas.
- Monteiro, M. F. B, Rocha, G. V. M. (2012) Programa de treinamento de habilidades sociais para a pr M. (2012) *Program Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 30, n. 68, p. 63-74
- Naves, R. M, Rotundo, R. C. B., Carvalho, K. D. R. de e Baia, F. H. (2011) Treinamento de Habilidades Sociais em Grupo: Uma Intervenção com Tarefas Lúdicas. *Psicol. pesq.* vol.5 no.1 Juiz de Fora ago. 2011
- Patterson, G. R., Reid, J. B., Dishion, T. J. (1992) *Antisocial Boys*. Editora Castalia
- Sena, A.P., Gouveia, M.A. e Rocha, G.V.M (2009) Programa de treinamento de habilidades sociais com adolescentes moradores de uma república. Não publicado.
- Skinner, B. F. (1982/1974). Sobre o behaviorismo. Sobre o b: Ed. Cultrix.
- Skinner, B. F. (1953/1994/2003). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.

O ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA INTERVENÇÃO SOBRE O TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO

Joliane Matveichuk do Prado¹
Fernanda Zetola Delage²

Introdução: O padrão comportamental obsessivo-compulsivo recebe na classificação psiquiátrica do DSM-IV o nome de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). É, caracterizado como um transtorno do espectro ansioso, com presença de obsessões e/ou compulsões, que causam sofrimento e/ou prejuízo acentuado, interferindo na rotina, funcionamento ocupacional e social do indivíduo. As obsessões são respostas encobertas persistentes, vivenciadas como intrusivas e inadequadas pelo indivíduo, causando intensa ansiedade e sofrimento. O indivíduo com obsessões responde com fuga/esquiva, evitando diretamente ou se engajando em outras respostas: as compulsões. Apesar de produzirem, alívio imediato, o efeito dessas respostas é desastroso. Isso porque, ao ficar sob controle de tais respostas, muitas vezes o indivíduo deixa de estar sob controle de estímulos ambientais, tais como o trabalho. Assim, frequentemente o seu desempenho é ineficiente em tarefas cognitivas que exigem concentração, tais como leitura ou cálculos. O padrão consolidado de fuga/esquiva restringe severamente seu desempenho geral. O acompanhamento terapêutico é indicado na intervenção de casos de *déficits* importantes no repertório básico de comportamentos, o que gera a necessidade de uma atenção intensiva realizada nos locais em que o cliente vive. O acompanhante terapêutico (AT) ajuda na execução das atividades programadas, a realizar o levantamento de dados das contingências de vida do cliente, através da observação participante podendo repassar novos dados ao profissional responsável pelo caso. O presente trabalho apresenta o resultado de uma intervenção com um adolescente portador do TOC em que foi utilizado as técnicas EPR (Exposição e Prevenção de Respostas) e modelação, visando melhorar a qualidade de vida do cliente.

Método: O cliente, um adolescente estudante do ensino médio. Relatou o seguinte padrão obsessivo-compulsivo: preocupava-se com contaminação e doenças; com o alinhamento dos objetos, das suas roupas e calçados, preocupava-se também em guardar papeis e objetos, pois um dia iria precisar; medo de não emitir as compulsões e acontecer algo de ruim com ele ou com a família. Comportamentos compulsivos: demorava para lavar as mãos; tocava na tampa da lixeira da cozinha ou do banheiro e tocava na maçaneta da porta do banheiro com guardanapo ou papel higiênico; sempre quando saía dos ambientes tinha dúvidas se havia esquecido algo; limpava os talheres e copos antes de usar; acendia e apagava novamente lâmpadas apagadas; verificava se os objetos estavam alinhados; se os objetos e também portas e janelas estavam fechadas; deixava a janela e cortina do quarto sempre fechada, pois tinha medo de ser observado por alguém; fazia listas dos filmes e livros que pretendia ler e assistir, também fazia listas das atividades do dia-a-dia; não apagava emails; colecionava borrachas, lápis usados, bilhetes escolares e as listas que fazia. A intervenção com o acompanhante terapêutico iniciou em julho de 2012 e encerrou em outubro do mesmo ano. Os

¹ Crescer com Afeto – Centro de Estudos em Psicologia Clínica e Saúde. Contato: joli_prado@hotmail.com

² Clínica Interata. Contato: fernandadelage@terra.com.br

atendimentos eram realizados duas vezes na semana, com duração de 3 horas cada atendimento. Para uma intervenção mais efetiva, o tratamento com o acompanhante terapêutico foi realizado na casa do cliente. No tratamento, foi utilizado um roteiro de entrevista focada, com perguntas a respeito de quando iniciou os sintomas, quais eram eles e avaliar o nível de conhecimento a respeito do transtorno. Também, foi utilizado um formulário – Listas de Sintomas do Transtorno Obsessivo-Compulsivo para identificar e avaliar a gravidade dos sintomas relatados pelo cliente. Nos primeiros atendimentos foi realizada a entrevista focada e também o formulário. Iniciou-se a intervenção com psicoeducação, para proporcionar ao cliente informação acerca do transtorno e do seu tratamento, além de retirar suas dúvidas. Em seguida, foram escolhidos os primeiros exercícios de EPR, aqueles em que apresentava o nível de desconforto que o cliente considerava capaz de suportar. O AT fazia demonstrações de exposição junto com o cliente, para que logo após o cliente imitasse o comportamento feito pelo AT. Na medida em que o cliente conseguia emitir, sem dificuldades, os comportamentos que classificava como fáceis, eram escolhidos outros comportamentos com um grau maior de dificuldade.

Resultados: A partir dessa intervenção alguns comportamentos entraram em extinção. Passou a pegar na tampa da lixeira da cozinha e do banheiro sem proteger as mãos, usava os talheres e copos sem limpá-los, deixou de checar lâmpadas já apagadas, parou de verificar se os objetos estavam alinhados e se as portas e janelas estavam fechadas, passou a abrir a janela e a cortina do quarto, apagou sua caixa de entrada dos emails, jogou fora as listas que havia feito e as coleções de bilhetes escolares, borrachas e lápis. Já alguns comportamentos diminuíram de frequência: a quantidade de vezes que lavava as mãos que passou de cinco para três vezes e a verificação antes de sair dos ambientes que passou de oito para cinco vezes.

Discussão: Os resultados mostram que houve melhora dos sintomas do cliente e que também a intervenção realizada em conjunto com um acompanhante terapêutico auxiliou no tratamento do TOC. Esta intervenção pode ser considerada uma estratégia importante para oferecer à população tratamento mais eficaz e com qualidade.

Referências

- Cordioli, A. V. (2008). **Vencendo o Transtorno Obsessivo-Compulsivo**. 2º Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Zamignani, D. R.; Kovac, R. & Vermes, J. S. (2007). **A Clínica de Portas Abertas**. 1º Ed. São Paulo: ESETec Editores Associados.

COMPORTAMENTO SOCIAL DE PACIENTES COM FIBROSE CÍSTICA E FAMILIARES PARTICIPANTES DO GRUPO VIRTUAL DO INSTITUTO UNIDOS PELA VIDA

Verônica Del Gragnano Stasiak¹

Mariana Salvadori Sartor²

Yara Kuperstein Ingberman³

Introdução: Conviver com Fibrose Cística (FC), doença genética, crônica, ainda sem cura, que demanda tratamento complexo e diário, evoca diferentes respondentes em pacientes e familiares. Além da difícil realidade, os pacientes são privados da convivência física com outros devido ao risco de piora do quadro clínico pelo risco de contaminação cruzada de bactérias. Para minimizar os efeitos deste isolamento social, sobretudo em relação a seus pares, um grupo na rede social “Facebook” foi criado pela ONG “Instituto Unidos pela Vida”, onde atualmente cerca de 1.000 pacientes com fibrose cística e familiares de diferentes regiões do Brasil relatam emoções e vivências com a doença, entre outros. Esta pesquisa buscou compreender quais as diferentes funções do comportamento de participar deste grupo e identificar relatos verbais de mudanças no comportamento relacionadas à saúde e ao tratamento.

Método: Foi elaborado um questionário com 19 perguntas, sendo doze “fechadas” (caracterização dos participantes e coleta de informações sobre a participação dos mesmos) e sete “abertas” (relatos sobre a participação no grupo virtual). Após aprovação do comitê de ética (nº 113.303), os participantes foram convidados para participar. Cinquenta pessoas do grupo aceitaram, respondendo o questionário virtualmente através do sistema *Google Docs*. Destas, 60% eram mães, 24% pacientes com FC, e 16% pais, irmãos e familiares. Os resultados foram analisados quantitativamente através de gráficos e qualitativamente através de categorização de respostas por semelhança, seguindo os preceitos do Estudo Descritivo, que, segundo Straub (2005), é um método de pesquisa onde pesquisadores observam e registram comportamentos dos participantes, formando hipóteses que serão testadas sistematicamente posteriormente.

Resultados: Dos respondentes, 56% moram no Sudeste, 28% no Sul, 8% no Centro-oeste, 6% no Nordeste e 2% moram fora do Brasil; 80% dos participantes conheceram o grupo virtual na internet; 68% revelaram que o acesso ao grupo virtual ocorre diariamente e 16% afirmaram acessar entre três a cinco vezes por semana. Ao serem questionados se costumam escrever no grupo sobre situações que vivenciam na rotina da fibrose cística, 54% responderam que “sim” e 22% responderam que “não muito”. As respostas “sim” foram subcategorizadas e 48% dos respondentes revelaram escrever sobre situações que vivenciam na rotina “para trocar experiências”, justificando: “*Acredito que compartilhando nossas dores e vivências conseguimos viver melhor e conhecer novas experiências. Eu me espelho muito nas outras pessoas, e mudei muito desde que entrei no grupo*”. Outro participante revelou que “*a troca de experiências, sobretudo as positivas, desempenham papel fundamental na motivação e adesão ao tratamento*”. Outros 22% indicaram

¹ Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná. Contato: veronicastasiak@hotmail.com

² Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná, Universidade Positivo e FAE Centro Universitário.

³ Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná e IEPAC.

que escrevem pela “igualdade de vivências” proporcionada: *“Escrevo e leio muito o dia-a-dia das pessoas com o mesmo problema, é uma forma de melhorar o meu dia a dia, saber que além de mim, outras pessoas dão conta do recado e do tratamento árduo!”* Quando questionados sobre “o que significam os comentários que os demais participantes fazem a partir de uma postagem sua?”, 30% responderam que significa “Igualdade de Vivências / Troca de Experiências”: *“Vejo como um aprendizado, troca de experiências, ou até mesmo força na hora que preciso ouvir uma palavra de conforto, dita por pessoas que vivem problemas semelhantes ao meu”*. Outros 34% responderam que significa “Atenção, Carinho, Interesse”: *“Significa atenção e de certa forma até um carinho, afinal quando alguém te responde você a tocou de alguma maneira e ela se importa.”*. Outro participante afirma que *“mesmo uma curtida mostra o interesse das pessoas”* e que *“fico muito feliz por saber que tem pessoas que se importam com o que você está sentindo e pensando”*.

Discussão: As consequências do comportamento de participar do grupo virtual, assim como postar e / ou comentar em postagens realizadas por outros participantes, indicam ser tanto reforçadoras negativas (pelo alívio proporcionado ao encontrar alguém com quem falar sobre seus sofrimentos) quanto positivas (pelo incentivo e reforço social dos outros participantes). Há também consequências aversivas, como a piora no quadro clínico e notícias de falecimento de outros pacientes participantes. Porém, o que se destaca na análise das respostas, é que as pessoas se mantêm participando e que este número aumenta continuamente. A história individual com a Fibrose Cística é o antecedente às respostas de participação. Conclui-se, portanto, que o comportamento de participar do grupo virtual é mais reforçador que aversivo; que o relato de encobertos é relevante, produzindo alterações no comportamento, e que os indivíduos experenciam determinado alívio proporcionado pelo fato de encontrar alguém com quem falar sobre seus sofrimentos.

Referências

- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano*. (J. C. Todorov & R. Azzi, Trads., 11^a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1953).
- Straub, R. O. (2005). *Psicologia da Saúde*. 1^a Edição. São Paulo. Editora: Artmed.
- Vandenberghe, L. (2004). Relatar emoções transforma as emoções relatadas?: Um questionamento do paradigma de Pennebaker com implicações para a prevenção de transtorno de estresse pós-traumático. *RBTC*. Vol. 6 (1).

INTERVENÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL COM FAMILIAR DE PACIENTE COM TCE GRAVE EM IMINÊNCIA DE MORTE

Anna Keila Hecke Polak¹
Marcel Wilkins Pereira Souza²

Introdução: O ambiente hospitalar, em sua ampla complexidade, apresenta inúmeras situações nas quais se faz necessária a intervenção psicológica. Dentre elas, o atendimento aos familiares quando o paciente evolui para um quadro clínico de alta gravidade e há iminência da morte. O objetivo da intervenção que será descrita foi possibilitar condições de aprendizagem de manejo do sofrimento e dos primeiros comportamentos direcionados para a retomada da rotina.

Método: A participante desta intervenção será identificada como N.A., 45 anos, desempregada, casada, mãe de cinco filhos, com histórico de transtorno depressivo recorrente, episódio atual moderado, em tratamento psiquiátrico há cinco anos. No primeiro atendimento, N.A. se apresentou resistente ao contato com a equipe, referindo inicialmente que ninguém poderia ajudá-la e que preferia morrer a ver o filho em risco. Esteve na instituição hospitalar diariamente nos horários de visita para acompanhar a internação do filho, identificado como S. A., 25 anos, vítima de atropelamento, resultando em traumatismo cranioencefálico grave, com prognóstico ruim desde a admissão no Hospital. Os atendimentos psicológicos se deram dentro do período de internação, de 63 dias, com frequência de três a quatro vezes por semana, com duração de, em média, 50 minutos. A intervenção psicológica se deu em três etapas: discriminação das classes comportamentais mais evidentes diante do fato ocorrido; identificação de variáveis reforçadoras para enfrentamento e manejo do sofrimento; intervenção para ampliação de repertório comportamental buscando perspectivas iniciais de retomada da vida. N.A. autorizou o presente relato através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados: N.A. classificou como culpa os seguintes comportamentos: vontade de ter permanecido em casa com o filho no dia do acidente e pensamentos sobre possibilidade de ter proibido a saída do filho de casa. Classificou como medo: sofrimento pela iminência da morte do filho e pensamentos sobre enterro/velório do filho. E denomina como desamparo: pensamentos sobre a vida sem o filho e sobre a ausência do filho na criação do seu neto (filho de S.A.). Após queda importante do estado geral de S.A. e informação médica sobre a possibilidade de evolução ao óbito, a intervenção se direcionou na busca de reforçadores para enfrentamento e manejo do sofrimento: N.A. apresentou a prática da fé através de orações; citou o apoio recebido de amigos e também a presença e o diálogo com os demais filhos. Com o objetivo de possibilitar a ampliação das alternativas comportamentais para o início da retomada da rotina, foi promovida a discriminação de situações possíveis, que a aproximassem deste objetivo, N.A. identificou: o compromisso de se manter envolvida com a criação do neto e também questões ligadas à sua fé como passar a acreditar na

¹ Hospital Universitário Evangélico de Curitiba (HUEC). Contato: annahpolak@gmail.com

² Residência de Psiquiatria da SMS de São José dos Pinhais-PR. Contato: marcelwps@gmail.com

predestinação dos fatos e de que assim pode receber conforto e motivação. No 63º dia de internação, S.A. evoluiu a óbito. N.A., apesar do compreensível estado de sofrimento, conseguiu retomar com os familiares, ainda no hospital, alguns dos aspectos trabalhados durante a intervenção, como a fé e o compromisso de dar assistência ao neto.

Discussão: Os resultados obtidos por meio do presente trabalho permitem pontuar que a atuação do psicólogo hospitalar pode ser efetiva ao se utilizar das técnicas de intervenção em análise do comportamento e não se limitar apenas ao acolhimento da demanda. É possível avaliar que as alterações comportamentais se deram gradualmente, se tornaram observáveis durante o período de intervenção psicológica, apresentando comportamentos mais favoráveis ao enfrentamento do agravamento do quadro até a confirmação do óbito e das perspectivas sobre a continuidade da própria vida.

*Não houve financiamento para realização deste trabalho

Palavras-chave: psicologia hospitalar, TCE, família, análise do comportamento.

Referências

- Amaral, V.L.A.R. (1999). Novos desafios na formação do psicólogo na área da saúde. Em R.R. Kerbauy (Org.) *Comportamento e saúde: explorando alternativas* (pp.03-09). Santo André: ARBytes Editora.
- Gorayeb, R. (2001). A prática da psicologia hospitalar. Em M.L. Marinho & V.E. Caballo (Orgs), *Psicologia clínica e da saúde* (pp. 263-278). Londrina/Granada: UEL/APICSA.
- Myiazaki, M.C.; Domingos, N.M. & Caballo, V.E. (2001). Psicologia da saúde: intervenções em hospitais públicos. Em B. Rangé (Org). *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria* (pp.463-47). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Starling, R. (2001). Análise funcional da enfermidade: um quadro conceitual analítico-comportamental para orientar a intervenção psicológica em contextos médicos. Em Guilhardi, H. (Org). *Sobre comportamento e cognição: Volume 8*, (pp. 262-296). Santo André: Arbytes.

ATENDIMENTO EM GRUPO PARA ORIENTAÇÃO A FAMÍLIAS COM FILHOS EM TRATAMENTO PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO

Jenifer Pavan de Paula¹, Ana Elisa Vilas Boas¹, Daiane Furlan¹, Daniela Oliveira¹, Dianna Ricci¹, Eloisa Ambrosio¹, Fernanda Silva¹, Fernanda Lima¹, Giuliana Angeli Pieri², Maisa Flávia Moraes Norcia², Silvia Aparecida Fornazari³

Os atendimentos terapêuticos das clínicas escolas são caracterizados por uma grande demanda de clientes, imensas filas de espera e alta rotação de terapeutas, dessa maneira, um grupo de orientação a pais cujos filhos menores de idade estão em tratamento (psicológico e/ou psiquiátrico na Clínica Escola e/ou Ambulatório de Psiquiatria da Universidade Estadual de Londrina) ou na lista de espera para atendimento psiquiátrico ou psicológico, se justifica pelo atendimento que se presta em ambos os casos. Para aqueles pais que seus filhos já estão em atendimento, o grupo de orientação auxilia na adesão ao tratamento e acarreta o alcance de resultados positivos em um tempo reduzido. E para aqueles que estão na lista de espera, a convivência com a experiência de outros pais, o espaço de escuta e as informações sobre os comportamentos dos filhos auxiliam na mudança da relação parental visando a redução dos comportamentos problema. Deste modo, o grupo para orientação a famílias com filhos em tratamento tem como objetivos específicos: fornecer informações sobre problemas psicológicos/psiquiátricos mais frequentes e seus tratamentos; orientar quanto as ações que os pais podem empreender para ajudar na melhora de seus filhos; e, fornecer apoio às tentativas de prática das habilidades sugeridas, ouvindo os relatos, analisando-os com os pais e refinando a aprendizagem dos comportamentos requeridos. Participam desse projeto a Supervisora Docente do curso de Psicologia, Discentes do curso de Psicologia e residentes do Ambulatório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, ambos da Universidade Estadual de Londrina. Os atendimentos são quinzenais e em grupo, e são estruturados de forma a apresentar algumas informações importantes do ponto de vista do desenvolvimento infantil e de práticas parentais que podem tanto contribuir para a manutenção e agravamento dos problemas infantis, quanto para sua melhora e superação. Além dessas informações o grupo representa um espaço onde os pais podem relatar situações vivenciadas com seus filhos e receberem orientações, tornando-se de tal modo, um espaço terapêutico. Os conteúdos trabalhados nos 17 encontros realizados, em 2012 na Clínica Escola, trataram de conceitos e procedimentos da Análise do Comportamento (Contingências, Reforço (positivo e negativo), Reforço Intermitente, Punição, Extinção, Reforço Diferencial, Discriminação, Generalização, Análise Funcional, Autoconhecimento, Autoconfiança, Responsabilidade e Discussão de casos). O trabalho foi iniciado com 10 famílias, no primeiro semestre e finalizou com 2 famílias, e a participação de um professor de apoio que acompanhava uma das crianças atendidas. Pode-se levantar algumas hipóteses para a alta taxa de abandono, uma delas é a dificuldade que os pais possuem em entender a importância da modificação dos próprios comportamentos para a modificação dos comportamentos dos

¹ Discentes de graduação do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

² Residentes do segundo ano de Psiquiatria do Ambulatório do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Londrina.

³ Docente do Departamento de Psicologia Geral de Análise do Comportamento (PGAC) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: silfornazari@yahoo.com.br

filhos, e muitas vezes atribuem o comportamento inadequado do filho a variáveis aleatórias, como “ele é assim mesmo” ou “o pai dele nunca foi presente” ou ainda atribuem ao próprio transtorno psiquiátrico do filho. Outra hipótese que pode ser levantada é que o perfil das famílias que frequentaram o grupo é carente e muitas vezes começaram a frequentar os encontros por meio de convocação da assistente social do Hospital das Clínicas. Uma desistência se deu ao fato de que uma das mães tinha o diagnóstico de transtorno bipolar, apresentou uma crise durante o período de duração do grupo e por isso teve que ser afastada. A conclusão que se chega é que as variáveis que fizeram com que as famílias abandonassem o grupo não estavam sobre o controle do próprio grupo, mas de variáveis pessoais de cada família. As avaliações pré e pós intervenção foram realizadas por meio de entrevistas com relato dos pais a respeito dos problemas apresentados pelos filhos e sua forma de trabalhar com eles, porém com as famílias que deixaram o grupo ao longo do ano não foi possível realizar a avaliação pós-intervenção, assim, não sendo detectado os resultados obtidos para essas famílias, embora tenha sido possível encontrar nos relatos possíveis mudanças positivas. Para as famílias que permaneceram o período de realização do grupo, os resultados podem ser considerados muito bons. Foi possível verificar mudança no repertório comportamental dos pacientes/clientes atendidos e também nos familiares, com conseqüente melhoria na qualidade de vida das famílias a partir das orientações fornecidas. Ainda foi possível perceber que o trabalho trouxe contribuições para a aprendizagem dos estudantes da residência em psiquiatria acerca dos aspectos psicológicos dos atendimentos, assim como contribuições para a aprendizagem dos estudantes da graduação em Psicologia acerca dos aspectos psiquiátricos dos atendimentos, incluindo psicoterapia em grupo, demonstrando as vantagens e desvantagens do trabalho multiprofissional. Em 2013 o grupo foi formado novamente, sendo sua terceira edição, e a volta de pais que já participaram nos anos anteriores demonstra os resultados positivos que esse tipo de orientação pode trazer.

Referências

- Kazdin, A. E. (2003). Problem-solving skills training and parent management training for conduct disorder. In A. E. Kazdin, & J. R. Weisz, (Eds.), *Evidence-based psychotherapies for children and adolescents*. (pp. 241-262). New York: Guilford Press.
- Marinho, M. L. (1999). *Orientação de pais em grupo: Intervenção sobre diferentes queixas comportamentais infantis*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O TREINO DE ASSERTIVIDADE COMO POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UM GRUPO DE ADOLESCENTES

Lígia Fernandes da Silva¹, Karen Priscila Pietrowski²

Aline Santti Valentim³

Vânia Lúcia Pestana Sant'Ana⁴

Introdução: Uma das principais áreas de investigação sobre interações sociais humanas é a de Habilidades Sociais, sendo a assertividade uma subárea de destaque. Esta pode ser compreendida como uma classe de comportamentos que envolve a afirmação dos próprios direitos e a expressão de pensamentos, sentimentos e crenças de maneira direta, honesta e apropriada, de modo a não violar o direito de outras pessoas. A assertividade é vista como meio termo entre padrões de comportamento passivo (não assertivo) e agressivo, já que permite ao indivíduo colocar-se no lugar do outro sem ignorar a si mesmo. Sendo assim, um repertório comportamental assertivo permite ao indivíduo valorizar-se, expressar-se, sentir-se bem consigo, escolher por si e atingir os objetivos desejados. Em contrapartida, a ausência ou escassez de comportamentos desta classe pode ter como consequência para o indivíduo a negação de si, ou valorização às custas dos outros, inibição, ansiedade, aborrecimento, depreciação aos outros, não atingir objetivos desejados, ou alcança-los ferindo o direito dos outros. Uma estratégia clínica utilizada para aumentar o repertório assertivo do cliente é o treino de assertividade, que envolve principalmente o desenvolvimento de comportamentos que produzam reforçamento positivo não só para quem se comporta, mas também para outras pessoas envolvidos na relação. Este treino, além de aumentar a probabilidade de interações reforçadoras, também pode diminuir a exposição a contingências aversivas. Partindo deste pressuposto, este trabalho teve por objetivo desenvolver, com um grupo de adolescentes, um treino de assertividade, viabilizando a ampliação do repertório comportamental assertivo de cada um.

Método: Para tanto o trabalho foi desenvolvido a partir de 6 etapas. A primeira consistiu na seleção de participantes a partir do cadastro da Unidade de Psicologia Aplicada da Universidade Estadual de Maringá. Foram selecionados 10 adolescentes, com idades entre 13 e 16 anos. A segunda etapa consistiu na realização de uma entrevista inicial individual com os pais/responsáveis, para obtenção de dados sobre os adolescentes. Na terceira etapa foram realizadas entrevistas individuais com os adolescentes, visando a apresentação da pesquisa e a formalização do convite para participação do grupo. Os adolescentes que aceitaram participar responderam, na mesma sessão, ao Inventário de Assertividade de Alberti e Emmons (1978), composto por 35 questões que investigam como o indivíduo se comporta em diferentes situações sociais, com a finalidade de levantamento de linha de base. Na quarta etapa foram realizadas três sessões coletivas com objetivo de estabelecimento de vínculo e levantamento de estímulos reforçadores a comportamentos dos integrantes do grupo, além de análise funcional dos casos, subsidiando a programação da quinta etapa. Nesta etapa, foram detalhados os procedimentos específicos de treinamento assertivo,

¹Discente do curso de Psicologia da UEM. Contato: ligiafer@hotmail.com

²Discente do curso de Psicologia da UEM. Contato: karen.pietro@hotmail.com

³Mestre em Análise do Comportamento pela UEL. Contato: sv.aline@hotmail.com

⁴Docente do curso de Psicologia da UEM. Contato: vlpsantana@gmail.com

considerando o repertório comportamental dos adolescentes e o modelo de treino proposto por Del Prette e Del Prette. A partir disso, foi dado início à etapa seis da pesquisa, que consistiu no treino de assertividade propriamente dito, que ocorreu coletivamente, em vinte sessões, que ocorriam semanalmente, com duração de 90 minutos cada.

Resultados: Conforme os resultado iniciais do Inventário de Assertividade de Alberti e Emmons (1978), os índices de assertividade estavam dentro da média. Entretanto, a avaliação qualitativa inicial no contexto das sessões indicou discrepância entre comportamentos verbais e não verbais dos adolescentes, no quesito assertividade, já que os que discriminavam a diferença entre os três tipos de comportamento, não se comportavam em função desta discriminação. Ao fim das 20 sessões, notou-se aumento da frequência de relatos de comportamentos assertivos ocorridos em contexto natural, em relação ao início do treino. Os relatos sinalizavam substituição de um modelo comportamental não assertivo ou agressivo, por um modelo assertivo, após o treino.

Discussão: Tendo em vista os resultados qualitativos da pesquisa, o treino de assertividade mostra-se eficaz para promoção de mudança comportamental, principalmente quando se objetiva melhorar a qualidade de interações sociais. Alguns autores colocam que a assertividade tem influência sobre a autoestima, uma vez que está é produto de contingências de reforço positivo de origem social. Portanto, considera-se importante que a discussão suscitada neste trabalho embase novas pesquisas que possam avaliar a relação entre autoestima e assertividade.

Referências

- Alberti, R. E.; Emmons, M. L. (1978). *Comportamento assertivo: Um guia de auto-expressão*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Del Prette, Z. A. P.; Del Prette, (2003) A. *Habilidades, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. São Paulo: Alínea.

O BULLYING NA ÓTICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Gabriel Fernandes Camargo Rosa¹

Introdução: Atualmente, um tema que chama atenção tanto da comunidade científica quanto da população em geral, trata-se de um fenômeno reconhecido pelo nome de *bullying*. Ainda que tal temática seja amplamente divulgada pela mídia, as causas para que tal condição aconteça nem sempre estão claras.

Em meio a este nicho, a Análise do Comportamento aparece como um referencial que possui aporte para oferecer importante contribuição na compreensão do fenômeno do *bullying*, seja no que refere-se a identificação das causas e consequências (via análise funcional, por exemplo), seja para a formulação de propostas de intervenção. Com efeito, para que assim possa-se ter um panorama de como o assunto vem sendo abordado pela comunidade científica, o objetivo deste estudo é o de revisar estudos recentes acerca do *bullying*, lançando sobre eles um olhar crítico, orientado pela perspectiva analítico-comportamental.

Método: Para o presente estudo foram consultadas as bases de dados Science Direct, PsycNET, Portal de Periódicos da CAPES e Bireme, utilizando “*bullying*” como palavra-chave. Para critérios de seleção, buscou-se incluir estudos publicados em português e inglês, dentro do período de 2010 a 2013.

Em posse de todo o material recuperado, optou-se em realizar a leitura dos resumos dos artigos, objetivando assim selecionar apenas as publicações que atendem as propostas do presente estudo. A partir da leitura dos trabalhos selecionados, buscou-se realizar um fichamento, para condensar os dados obtidos. Vencida esta etapa, a análise e interpretação do material foram divididas em quatro fases, conforme propõem Lakatos e Marconi (2003): a) apreciação crítica do material; b) decomposição dos elementos essenciais; c) agrupamento e classificação; d) análise final.

Resultados: Ao todo foram recuperados 194 artigos (150 em língua inglesa e 44 em língua portuguesa), dos quais foram agrupados em 3 diferentes tópicos: a) estudos teóricos (revisões sistemáticas e artigos teóricos); b) estudos empíricos (estudos de caso e relatos de experiência) e c) pesquisas acadêmicas. Os dados foram analisados de modo qualitativo, sendo apresentados ao longo do presente estudo os principais aspectos encontrados acerca da temática.

Discussão: Ao que pode ser levantado, apreende-se que o *bullying* é um termo utilizado para designar um tipo de comportamento social cujas características correspondem a um conjunto de atos agressivos infringidos intencionalmente a uma (ou mais) vítima(s). No entanto, a distinção que o *bullying* tem das demais manifestações de violência entre pares incide em seu caráter repetitivo, isto é, a prática agressiva ocorre várias vezes (Dehue, Bolman, Völlink & Pouwelse, 2012; Klein, Cornell & Konold, 2012; Low & Espelage, 2013; Malta et al, 2010; Salmivalli, 2010).

O *bullying* geralmente conta com três diferentes personagens – o(s) agressor(es), a(s) vítima(s) e o(s) observador(es) – e acontecem predominantemente na adolescência (entre 12 e 14 anos), independentemente

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: gabrielfcrosa@hotmail.com

do gênero. Entretanto, meninos costumam agir de modo violento em relação à vítima – agressões essas que podem ser tanto físicas como verbais –, enquanto as meninas tendem a serem mais sutis – espalhando *fofocas* ou realizando exclusão, por exemplo (Braga & Lisboa, 2010; Rech, Halpern, Tedesco & Santos, 2013; Thornberg & Knutsen, 2011; Veenstra, Lindenberg, Munniksma & Dijkstra, 2010; Volk, Camilleri, Dane & Marini, 2012).

No que tange a parte prática, a detecção de quais reforçadores estão envolvidos neste processo é de enorme dificuldade, haja vista que comumente não há uma conexão funcional direta entre a ação do agressor e o comportamento da vítima. No entanto, frequentemente as vítimas possuem características diferentes ou pouco valorizadas pelos demais indivíduos do meio em que interage. Pode-se dividir em características a) *físicas* – é mais fraco que os demais, por exemplo –; b) *comportamentais* – é tímido perante as interações, por exemplo – e até mesmo c) *socioeconômicas* (Low & Espelage, 2013; Magklara et al, 2012; Rech, Halpern, Tedesco & Santos, 2013; Vermes & Banaco, 2012).

Conclusões: Por fim, o *bullying* enquadra-se como uma prática coercitiva que, por sua vez, tende a gerar impactos no desenvolvimento e, conseqüentemente, na saúde dos envolvidos (tais como: problemas de autoestima, de autoconfiança, relações interpessoais prejudicadas e, até mesmo, psicopatologias na idade adulta) (Malta et al, 2010; Vermes & Banaco, 2012). Deste modo, faz-se válido que haja estudos em Análise do Comportamento, acerca deste fenômeno, tendo em vista suas implicações sociais e individuais, no intento de que estas promovam aplicações práticas do conhecimento, no que tange produção de planos de intervenção e, até mesmo, novas tecnologias que facilitem a coesão social.

Referências

- Braga, L. L., & Lisboa, C. (2010). Estratégias de *coping* para lidar com o processo de *bullying*: um estudo qualitativo. *Revista Interamericana de Psicología/ Interamerican Journal of Psychology*, 44(2), 321-331.
- Dehue, F., Bolman, C., Völlink, T. & Pouwelse, M. (2012). Coping with bullying at work and health related problems. *International Journal of Stress Management*, 19(3), 175-197.
- Klein, J.; Cornell, D. & Konold, T. (2012). Relationships between bullying, school climate, and student risk behaviors. *School Psychology Quarterly*, 27(3), 154-169.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Low, S. & Espelage, D. (2013). Differentiating cyber bullying perpetration from non-physical bullying: commonalities across race, individual, and family predictors. *Psychology of Violence*, 3(1), 39-52.
- Magklara, K., Skapinakis, P., Gkatsa, T., Bellos, S., Araya, R., Stylianidis, S. & Mavreas, V. (2012). Bullying behaviour in schools, socioeconomic position and psychiatric morbidity: a crosssectional study in late adolescents in Greece. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 6(8).
- Malta, D. C., Silva, M. A. I., Mello, F. C. M., Monteiro, R. A., Sardinha, L. M. V., Crespo, C., Carvalho, M. G. O., Silva, M. M. A. & Porto, D. L. (2010). Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(Supl. 2), 3065-3076.

- Rech, R. R., Halpern, R., Tedesco, A. & Santos, D. F. (2013). Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *Jornal de Pediatria*, 89(2), 164-170.
- Salmivalli, C. (2010). Bullying and the peer group: A review. *Agression and Violent Behavior*, 15(2), 112-120.
- Thornberg, R. & Knutsen, S. (2011). Teenagers' explanations of bullying. *Child & Young Forum*, 40(3), 177-192.
- Veenstra, R., Lindenberg, S., Munniksma, A. & Dijkstra, J. K. (2010). The Complex Relation Between Bullying, Victimization, Acceptance, and Rejection: Giving Special Attention to Status, Affection, and Sex Differences. *Child Development*, 81(2), 480-486.
- Vermes, J. S. & Banaco, R. A. (2012). O papel do analista do comportamento sobre o fenômeno bullying: algumas considerações. *Boletim Paradigma*, 7, 32-34.
- Volk, A. A., Camilleri, J. A., Dane, A. V. & Marini, Z. A. (2012). Is Adolescent Bullying as Evolutionary Adaptation? *Aggressive Behavior*, 38(3), 222-238.